

Palavras de apresentação do tema do livro «VIVER A MISSA» de Javier Echevarría

Lisboa, 2012.05.17
Manuel Morujão

Porquê os católicos dão tanta importância à Missa? Não basta assistir à Missa, cumprindo um preceito da Igreja? Porque se fala em participar na Missa e agora nos vem dizer o Prelado do Opus Dei que a Missa é para viver?

Cada uma destas perguntas merece um extenso tratado na resposta. O que vou dizer são apenas setas a indicar para que lado é o caminho certo a fim de encontrar a resposta.

É impressionante o relevo que é dado à Eucaristia ou Missa na vida da Igreja e dos cristãos, pelo Concílio Vaticano II, que está neste ano a celebrar o 50.^o aniversário da sua abertura (11 de outubro de 1962), a celebrar 50 anos da sua fecunda atualidade. Para além de todo um capítulo sobre «O Sagrado Mistério da Eucaristia» na Constituição sobre «A Sagrada Liturgia», encontramos em quase todos os documentos conciliares referên-

cias à Eucaristia, mais de meia centena de vezes. Cito apenas breves passagens do Concílio dos nossos dias sobre a Missa ou Eucaristia: «centro e cume de toda a vida cristã» (*Lumens gentium*, 11); «tesouro espiritual da Igreja, isto é, o próprio Cristo» (*Presbyterorum ordinis*, 5); nela «se realiza a obra da nossa salvação» (*Sacrosanctum Concilium*, 2); «fonte e coroa de toda a evangelização» (*Presbyterorum ordinis*, 5).

O Código de Direito Canónico, de 1983, que põe em letra de lei o espírito do Concílio Vaticano II, tem mais de 60 cânones sobre a «Santíssima Eucaristia» (897-958). O Catecismo da Igreja Católica, publicado há 20 anos (1992), tem cerca de cem números (1322-1419) explicitamente sobre a Eucaristia, para além de outras referências. Dele faço apenas duas citações: a Eucaristia «é o ponto mais alto da vida da Igreja» (1407); «é o resumo e

súmula da nossa fé» (1327).

Dos últimos Papas, entre incontáveis possíveis citações, refiro somente a Encíclica que o Beato João Paulo II dedicou à Eucaristia: «A Igreja vive da Eucaristia» (*Ecclesia de Eucharistia*, 2003), e a Exortação Apostólica de Bento XVI «Sacramento da caridade» (*Sacramentum caritatis*, 2007), na sequência do penúltimo Sínodo dos Bispos sobre a Eucaristia.

Perante tão numerosas e eloquentes referências à Eucaristia, à Missa, nos textos mais solenes e significativos da Igreja, poderá alguém menos avisado perguntar: Para quê tanta insistência na Eucaristia? A Missa será assim tão importante? Não haverá exagero em dar tanto relevo a uma simples devoção? Não nos basta Jesus Cristo, Salvador do mundo?

A resposta tem que ser clara. É



No lançamento do livro.
Pe. Manuel Morujão, Pe. José Rafael Espírito Santo e o editor Henrique Mota

que a Eucaristia é Cristo. Nem mais nem menos. Daqui lhe vem toda a sua central, ímpar e imprescindível importância. Ou seja, a Eucaristia não é apenas um sinal de Cristo, um símbolo da sua presença, mas é o próprio Cristo que se torna presente. Como explica o Catecismo da Igreja Católica, «A Eucaristia é um sacrifício, porque *representa* (torna presente) o sacrifício da cruz, porque é dele o *memorial* e porque aplica o seu fruto» (1366). Usando uma fórmula comum nos tribunais, o cristão deve levar a sua fé a afirmar com convicção: *A Eucaristia é Cristo. Só Cristo. Todo o Cristo. Nada mais do que Cristo*, sob as espécies do pão e do vinho. Quer isto também dizer que o Cristo que celebramos e comungamos na Missa é exatamente o mesmo que o Cristo que nasceu em Belém, viveu em Nazaré e morreu/ressuscitou no calvário de Jerusalém. Não é um pouco menos do que o Cristo da encarnação ou simplesmente uma devota imitação ou *fac-símile*.

Porventura já tenhamos nostalgicamente suspirado por ter vivido no tempo de Jesus: *Como seria belo encontrar face a face o Salvador do mundo, o Filho de Deus e Filho de Maria! Que maravilha seria ouvi-lo, tocar-lhe e, se tal fosse possível, conversar com ele e abraçá-lo!* É um sonho de boas intenções, mas revelando ignorância e ingratidão. É que na Eucaristia encontramos Jesus em primeira pessoa, na totalidade do seu ser, não um mero delegado ou representante, não uma simples imagem. Com devoção e espanto, repetimos com S. Tomás de Aquino e bilhões de cristãos ao longo destes vinte séculos: «*Adoro te devote, latens Deitas, quae sub his figuris vere latitas* – Adoro-te com devoção, ó Deus que te escondes, que sob estas figuras de verdade te ocultas...».

Se quisermos usar todo o rigor da linguagem, será mais apropriado falarmos de «Cristo eucarístico» em vez de «Eucaristia». É que esta não «tem» apenas a presença de Cristo, mas «é» o próprio Cristo. Assim afirma o documento preparatório do Congresso Eucarístico Internacional de Sevilha: «A Eucaristia não é alguma coisa, é Alguém. Não é só o efeito ou a obra salvadora de Cristo, é o próprio Cristo salvador que salva, a partir da integridade do seu mistério, da sua vida e da sua missão» (*«Christus, lumen gentium»*).

Separar o Cristo histórico da vivência da Eucaristia, da Missa, é uma tentação antiga, contemporânea de Jesus. Recordamos o que o evangelista S. João nos relata no capítulo 6.º, quando, depois da multiplicação dos pães e dos peixes, Jesus faz uma catequese eucarística, afirmando claramente a identidade entre a Eucaristia e Ele próprio: «Eu sou o pão vivo, o que desceu do Céu: se alguém comer deste pão, viverá eternamente; e o pão que Eu hei-de dar é a minha carne, pela vida do mundo» (*Jo 6, 51*). Neste contexto, vemos surgir o partido dos que queriam ser cristãos, sem ser eucarísticos, e perante a frontalidade irredutível de Jesus se afastaram, desistindo de ser cristãos. Assim relata S. João: «Depois de o ouvirem, muitos dos seus discípulos disseram: “Que palavras insuportáveis! Quem pode entender isto?”... A partir daí, muitos dos seus discípulos voltaram para trás e já não andavam com Ele. Então, Jesus disse aos Doze: “Também vós quereis ir embora?” Respondeu-lhe Simão Pedro: “A quem iremos nós, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna!”» (*Jo 6, 60-68*). Felizmente, nós estamos do lado de Pedro e do sucessor de Pedro, o Papa.

Qual o porquê de a Eucaristia ter a primazia sobre todos os outros

sacramentos e sobre todas as outras fontes e modos de exprimir a fé? É que todos nos comunicam a graça de Cristo, mas só a Eucaristia nos dá o Cristo da graça. Dizendo isto com uma formulação mais teológica, com palavras do Concílio Vaticano II: «Os restantes sacramentos, porém, assim como todos os ministérios eclesiais e obras de apostolado, estão vinculados com a sagrada Eucaristia e a ela se ordenam. Com efeito, na santíssima Eucaristia está contido todo o tesouro espiritual da Igreja, isto é, o próprio Cristo, nossa Páscoa e o pão vivo que dá aos homens a vida mediante a sua carne vivificada e vivificadora pelo Espírito Santo» (*Presbyterorum ordinis*, 5)...

É comum qualificar, e muito bem, a Missa, a Eucaristia, como o «Santíssimo e diviníssimo sacramento». Mas a estes superlativos poderemos justamente acrescentar: *humaníssimo* e *amorosíssimo* sacramento, pois «ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos» (*Jo 15, 13*). É o que Jesus Cristo faz em cada Missa que se celebra.

«*De Eucharistia nunquam satis*», assim parafraseio a clássica sentença sobre Nossa Senhora, atribuída a S. Bernardo. *Nunca diremos bastante sobre a Eucaristia*. Por isso, neste livro o Prelado do Opus Dei, como o *doutor da Lei instruído acerca do Reino do Céu*, tira do tesouro da sagrada escritura, do magistério e da tradição da Igreja, *coisas novas e velhas* (cf. *Mt 13, 52*). A Eucaristia participa por inteiro da imensidão amorosa do mistério do amor de Deus que, como recorda S. Luís Gonzaga, numa carta a sua mãe, é um «mar sem fundo e sem praia». Haverá ainda algo a dizer sobre a Eucaristia? Leiam este livro e verão que sim. A Missa, santa e santificante, é para viver.